

TRADIÇÃO ORAL DAS REZAS POPULARES E A SIMBOLOGIA DE ELEMENTOS LINGUÍSTICOS E PERFORMÁTICOS

Romana de Fátima Macedo **Gomes**^{1*}; Roviane Oliveira **Santana**²

¹IF Sertão Pernambucano - Campus Petrolina; Doutora em Letras, na linha de pesquisa Discurso, Memória e Identidade (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte).

²Instituto Federal do Sertão Pernambucano; Mestra em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB.

*Autor para correspondência E-mail: romana.macedo@ifsertao-pe.edu.br

Recebido: 06.08.2023 Aceito: 06.10.2023

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar a função de mecanismos da oralidade nas práticas socioculturais de rezadeiras, haja vista a prevalência de tal modalidade da língua na realização, preservação e difusão dos rituais de cura. O corpus é constituído do vídeo intitulado “Benzedeiras”, de Sílvia Batista Godinho, exibido no programa Sala de Notícias do Canal Futura. Quanto à metodologia, este trabalho se caracteriza pela utilização do enfoque qualitativo, sendo empregadas a pesquisa bibliográfica e a documental como procedimentos para a coleta de dados. Os resultados revelam que, embora se reconheça a existência de uma oralidade secundária, as rezas analisadas expõem a prevalência de recursos próprios da modalidade oral, a exemplo dos enunciados curtos, em linguagem informal, das repetições de palavras e, principalmente, do interlocutor presente na situação de comunicação e da definição de fatores como tempo e lugar, sendo que esses elementos citados foram manejados tendo em vista a salvaguarda da memória e das identidades das classes populares. Também foi possível observar que a intervenção de componentes da situação discursiva, como o sujeito consulente e o contexto histórico-social de produção definido, determinou a escolha do gênero do discurso utilizado, a benzeção, e dos meios subsidiários de expressão nele utilizados. Conclui-se que elementos linguísticos e performáticos, utilizados nas preces das curandeiras, materializam a força resistente da tradição oral, que ultrapassa culturas e gerações.

Palavras-chave: Práticas culturais; rezadeiras; oralidade.

ORAL TRADITION OF POPULAR PRAYERS AND THE SYMBOLOGY OF LINGUISTIC AND PERFORMATIC ELEMENTS

ABSTRACT: This article aims to analyze the function of orality mechanisms in the sociocultural practices of prayer women, given the prevalence of this type of language in the performance, preservation and dissemination of healing rituals. The corpus consists of the video entitled “Benzedeiras”, by Sílvia Batista Godinho, shown on the Sala de Notícias program on Canal Futura. As for the methodology, this work is characterized by

the use of a qualitative approach, using bibliographic and documentary research as procedures for data collection. The results reveal that, although the existence of a secondary orality is recognized, the prayers analyzed expose the prevalence of resources specific to the oral modality, such as short statements, in informal language, repetitions of words and, mainly, the interlocutor present in the communication situation and the definition of factors such as time and place, and these aforementioned elements were managed with a view to safeguarding the memory and identities of the popular classes. It was also possible to observe that the intervention of components of the discursive situation, such as the consulting subject and the defined historical-social context of production, determined the choice of the genre of speech used, the blessing, and the subsidiary means of expression used in it. It is concluded that linguistic and performative elements, used in the healers' prayers, materialize the resistant force of oral tradition, which goes beyond cultures and generations.

Keywords: Cultural practices; prayer women; orality.

TRADICIÓN ORAL DE ORACIONES POPULARES Y SIMBOLOGÍA DE ELEMENTOS LINGÜÍSTICOS Y PERFORMÁTICOS

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo analizar la función de los mecanismos de oralidad en las prácticas socioculturales de las mujeres de oración, dada la prevalencia de este tipo de lenguaje en la realización, preservación y difusión de rituales de curación. El corpus está formado por el vídeo titulado “Benzedeiras”, de Sílvia Batista Godinho, emitido en el programa Sala de Notícias del Canal Futura. En cuanto a la metodología, este trabajo se caracteriza por el uso de un enfoque cualitativo, utilizando como procedimientos de recolección de datos la investigación bibliográfica y documental. Los resultados revelan que, si bien se reconoce la existencia de una oralidad secundaria, las oraciones analizadas exponen el predominio de recursos propios de la modalidad oral, como declaraciones breves, en lenguaje informal, repeticiones de palabras y, principalmente, el interlocutor presente en la situación comunicacional y la definición de factores como el tiempo y el lugar, y estos elementos antes mencionados fueron manejados con miras a salvaguardar la memoria y las identidades de las clases populares. También fue posible observar que la intervención de componentes de la situación discursiva, como el sujeto consultado y el contexto histórico-social de producción definido, determinaron la elección del género del discurso utilizado, la bendición y los medios subsidiarios de expresión. utilizado en él. Se concluye que los elementos lingüísticos y performativos, utilizados en las oraciones de los curanderos, materializan la fuerza resistente de la tradición oral, que va más allá de culturas y generaciones.

Palabras clave: Practicas culturales; mujeres de oración; oralidad.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar a função de mecanismos da oralidade nas práticas socioculturais de rezadeiras, a partir do vídeo intitulado “Benzedeiras”, de Sílvia Batista Godinho, exibido no programa Sala de Notícias do Canal Futura, tendo em vista que essa modalidade está atrelada à tradição das rezas em determinada cultura. O documentário retrata a tradição oral das rezadeiras da comunidade de “Macacos”, localizada a 20 km do município de Belo Horizonte, onde ainda se mantêm presentes essas práticas que são voltadas para curar doenças ou certos males que não poderiam ser curados pela medicina tradicional.

Para o alcance do objetivo da investigação, foram definidas as seguintes questões que nortearam o presente estudo: Que mecanismos da oralidade constituem as rezas proferidas por curandeiras? Como se explica o fato de a modalidade de linguagem utilizada pelas benzedeadas manter-se estabilizada, a despeito das mudanças observadas ao longo do tempo e no espaço, as quais alteraram ou extinguiram muitos gêneros textuais? Tendo em vista o êxito da atividade de pesquisa, definiu-se, mais particularmente, o seguinte objetivo específico: identificar elementos linguísticos e performáticos constitutivos de rezas de cura.

Nesses rituais, percebe-se que a linguagem não verbal é parte constituinte da oralidade, de forma que os gestos, as expressões corporais, os movimentos, elementos simbólicos como ramos, água, óleo. consistem no próprio ato de rezar, o que torna a oração completa. Ressalta-se que esses elementos simbólicos têm forte influência da tradição religiosa de modo que se busca manter viva toda essa representação no seu cotidiano. Essa relação com o sagrado é estabelecida pelas rezadeiras, conhecidas também como benzedeadas, como manifestação da cultura popular e tradição oral, visto que são detentoras de um saber popular, passado de geração a geração por meio da oralidade, mas também responsáveis por manter os usos e costumes dessas práticas na sociedade.

Por esse viés, as práticas das rezadeiras se consubstanciam por meio da tradição oral, em que a memória e a gestualidade fazem parte dessa oralidade, uma vez que ajudam a compor e caracterizar a tradição de um povo, residindo no modo como ele vê o mundo. Nesse escopo, obtém-se a justificativa para a eleição do tema, do objeto e do universo de estudo do presente artigo, pois a sua delimitação resulta da

convergência de fatores que compõem, a um só tempo, a sua relevância social, acadêmica e profissional: contribuir para dar visibilidade a essa parcela da população e destacar a importância dos conhecimentos tradicionais na academia, por intermédio da salvaguarda de práticas culturais de povos de tradição oral, sujeitas à extinção provocada pelo avanço de projetos homogeneizadores e destinados à erradicação da pluralidade.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Materializando-se em crenças, rituais, linguagem e demais costumes, a espiritualidade de povos tradicionais não só se apresenta como marca de sua cultura, mas ainda se constitui princípio norteador de sua relação com o ambiente natural e com a própria comunidade. Tal constatação pode ser exemplificada com a prática discursiva das rezadeiras que, ao proferirem suas rezas, realizam-nas conjugando-as ao poder curativo das ervas medicinais e traduzindo sua empatia para com o sofrimento do próximo.

Apesar de ser um elemento característico da cultura brasileira, essa prática apresenta marcas da colonização portuguesa, conforme atesta Cunha (2018, p.20), ao afirmar que:

No Brasil, estima-se que desde o período colonial, em decorrência da falta de médicos, mulheres conhecedoras das propriedades medicinais de ervas que cultivavam em suas casas, mesclavam suas orações, seus conhecimentos empíricos das forças da natureza ao manuseio de ervas, a fim de sanar males cotidianos e abrandar as enfermidades que assolavam seus ciclos familiares. (Cunha, 2018, p.20)

Consoante é possível depreender, o discurso das benzedadeiras revela a interação de elementos contextuais, resultantes das relações políticas e sociais, existentes naquele período da história brasileira em que se verificava a interação entre saberes dos distintos povos que disputavam a dominação do mesmo tempo e espaço por eles ocupados. Nesse sentido, Cunha (2018, p. 21) ainda declara que:

Foi no período colonial que se precisa o possível surgimento das práticas de benzeções no Brasil, período no qual se encontravam influências da cultura africana (advindas dos africanos que foram

escravizados), dos saberes empíricos dos aborígenes quanto à flora brasileira e seus rituais de cura. Ocorreu, então, uma mescla com a religiosidade portuguesa, com o catolicismo imposto pela coroa portuguesa. (Cunha, 2018, p. 21)

Ainda considerando as proposições de Cunha (2018), acima transcritas, é válido ponderar que, ainda que os sujeitos envolvidos nos processos interculturais fossem oriundos de distintas etnias, aproximava-os o fato de integrarem estratos populares. Nesse escopo, importa ressaltar que o fato de integrar a cultura de indivíduos sem acesso ao saber institucionalizado, predominantemente mulheres oriundas de classes sociais menos favorecidas, é determinante para a eleição de variedade linguística não-padrão na emissão das rezas e para a definição de um eixo semântico próprio do povo, pois, consoante proposições de Câmara, Sanz-Mingo e Câmara (2016), as rezadeiras são vistas como pessoas que não têm letramento em suficiência. Sobre tal perspectiva, Cunha (2018, p. 23) ainda destaca a sua categorização no denominado catolicismo popular, ao declarar que:

Popular porque não se aprende as rezas de cura na igreja, elas não são ensinadas pelos padres, bispos e as maiores hierarquias do catolicismo oficial, ou melhor dizendo, as rezas canônicas sofrem algumas alterações, adaptando-se aos contextos de reza populares, ressignificando sentidos, em um movimento que aproxima as rezas à necessidade de um povo. Popular porque essa prática nasceu da necessidade de um povo que começou a mesclar conhecimentos de religião e medicina popular (o manuseio com ervas e plantas medicinais) em benefício da comunidade, na tentativa de estabelecer a ordem e sanar males da população da qual fazem parte. (Cunha, 2018, p. 23)

A partir dessa constatação, Cunha (2018) propõe a inserção de tal prática religiosa no âmbito da cultura popular, na qual também se incluem a música, a culinária, o esporte e a dança, ou seja, o conjunto de saberes e atividades desenvolvidas por um povo e determinados como respostas às demandas sociais e políticas do seu cotidiano. Nesse cenário, o recurso às palavras que curam é decorrente também da ausência de acesso à assistência médica e das condições insatisfatórias de vida. Ainda é importante assinalar que todas essas manifestações culturais são difundidas por meio da tradição oral.

Outro fator importante na concretização dessa prática religiosa, consoante se depreende de Cunha (2018), coincide com o fato de, mesmo sendo uma prática eminentemente oral, ela integrar a oralidade secundária, visto que muitas preces

circulam impressas, de mão em mão, ou presas ao pescoço num breve. Ressalte-se, porém, que uma das principais marcas dessa tradição é o recurso da memorização, cujo principal apoio é o ritmo das sequências linguísticas, o que revela a preservação da estrutura mental da oralidade primária. Uma das razões para que as orações não sejam proferidas em voz alta, além do desejo de não se fazerem ouvir por estranhos, decorre do fato de as rezas serem mentalizadas.

É válido destacar que as rezas populares apresentam estrutura particular, composta por sequências discursivas próprias da religiosidade popular, haja vista consistirem em um gênero integrante do contexto religioso e transmitido oralmente. Sua estrutura contém etapas, observadas pelas rezadeiras, as quais compreendem, segundo Nascimento (2010, p.93):

1. Invocação: Sinal da Cruz: “Eu te coso (nome do enfermo),/ carne triada,/nervo torto e junta desconjuntada.”
2. Enunciado fixo - fórmula mágica: “Assim mesmo, eu coso/ com os poder de Deus de São Aventuroso.”
3. Oferecimento: Oferece às Três Pessoas da Santíssima Trindade.

Faz-se oportuno ponderar que, na prece acima transcrita, estão presentes as marcas dos processos históricos vivenciados pela população negra. À luz das proposições de Nascimento (2002), é possível constatar a assimilação compulsória da religião do branco escravizador na coexistência de elementos das crenças africanas com rituais católicos, o que confirma a impossibilidade de dissociar discursos das relações instituídas social e historicamente.

Para comprovar a presença da cultura lusa no discurso das benzedeadas, Nascimento (2010) alude à presença de elementos do cancionero popular e do romanceiro portugueses na cultura oral brasileira, particularmente nas rezas. A autora afirma que o Romanceiro Popular Português se constitui tanto de romances religiosos, como de orações narrativas. Por seu turno, o Cancioneiro popular reúne canções caracterizadas por ritmo compassivo e referência ao Sagrado, aspectos também identificados nas preces brasileiras. Nascimento (2010) também ressalta a alusão a Nossa Senhora e aos santos, existente nas canções e nos romances populares portugueses, sendo reproduzida nas rezas como reflexo da influência da religião católica.

No que concerne à estrutura rítmica das rezas, pode-se observar que a cadência musicalizada e compassiva resulta da recorrência à composição a, b, c, b, legada pelo Cancioneiro Popular Português, conforme exemplifica Nascimento (2010, p.71):

(Fulano), com dois te butaro A
Com quarto te tirarão B
Com dois olhos do Senhor Jesus C
E dois do Senhor São João. B
(Reza coletada em Mogeiro – PB, 2009)

Nossa Senhora da Ajuda A (Fulano)
Que aí estais no vosso altar B
Ajudai os pecadores C
Que andam nas águas do mar. B
(Vasconcelos, 1975, p. 269)

De acordo com os exemplos acima, constata-se a reiteração de tal esquema de rimas, sem um rigor na métrica dos versos, o que aponta para a estruturação livre dessas unidades do poema. Dessa forma, considera-se a disposição das semelhanças sonoras das palavras como elemento subsidiário da memorização. Em outra abordagem, como evidência da influência lusa na formulação das preces, outro recurso que era utilizado pelos cantadores portugueses consiste na exploração do discurso direto, o qual também se manifesta nas rezas de cura brasileiras, conforme se lê no excerto abaixo transcrito de Nascimento (2010, p. 71).

O que coso?
– Carne triada, nervo torto
E junta desconjuntada.
(Reza coletada em Itabaiana – PB, 2009)

Que andas nas ondas da praia,
Que anda na praia à sardinha.
- onde vás, ó Mariazinha?
Com o teu cabelo à faia?
(Vasconcelos, 1975, p. 273).

Do Cancioneiro Popular Português, também advém a prática de utilização do modo imperativo, pois as palavras expressas, na benzeção, compreendem uma ação, que resulta em uma reação, a cura almejada, conforme propõe Cunha (2018). Além de consistir na expressão ilocucionária dos dizeres, o recurso a esse modo verbal, nas rezas de cura, denota, a um só tempo, assunção do poder de cura pelo rezador e da condição de inferioridade do homem em relação a Deus, já que, para a expulsão dos

males corporais, conta-se com a intercessão de santos do catolicismo, consoante se depreende do excerto seguinte extraído de Nascimento (2010, p. 72).

Sai-te olhado
Para as ondas do mar sagrado.
Eu te curo com o Pai-Nosso,
Ave-Maria e Santa Maria.
(Reza coletada em Itabaiana – PB, 2009)

A Senhora da Piedade
Mora detrás dos quartéis.
Dai memória aos soldados
E paciência aos coronéis.
(Vasconcelos, 1975, p. 275).

Observa-se, no excerto acima, que o rezador profere ordens ao quebrantamento que acomete um dado indivíduo, a fim de que o mal-estar seja depositado no mar. Depreende-se aqui a atuação do sincretismo religioso, na alusão a elementos da natureza, inerentes aos cultos de matriz africana, coexistindo com orações da liturgia católica. Paralelo a esse recurso, nos excertos anteriores, encontra-se o uso do imperativo, em tom de rogo, não mais de imposição, dirigido a uma santa da Igreja Católica, para quem se implora intercessão perante autoridades militares.

Ainda em conformidade com as proposições de Nascimento (2010), sendo uma manifestação da oralidade, as rezas contam com elementos subsidiários, os quais se destinam a assegurar uma maior eficácia no alcance do objetivo impulsionador da interação, ou seja, a cura. Há movimentos corporais, gestos, expressões faciais integrantes do ritual das rezas, neles incluindo os que representam a ideia de absorção, pela rezadeira, do mal do enfermo, a exemplo do ato de bocejar, representativo da retirada do quebranto do corpo do doente.

Nessa perspectiva, ainda é válido destacar marcas da oralidade que também se fazem presentes na produção de benzeções. Vanoye (2018) destaca, além dos recursos expressivos anteriormente mencionados, o fato de os sujeitos participantes da interação oral estarem em presença um do outro, em um lugar e tempo definido para eles, como condição determinante da forma e do conteúdo do enunciado. De igual forma, a opção pelas palavras proferidas, pelos instrumentos e pelos gestos, em um ritual de cura, deve-se à demanda apresentada pelo consulente à rezadeira.

Ao enumerar as especificidades da oralidade, Vanoye (2018) assinala o recurso à acentuação, à entonação, às pausas e à fluência como meios de pôr em relevo certos

aspectos inerentes ao significado da mensagem. Em contrapartida, as preces expressas pelas curandeiras podem ser formuladas em silêncio, com o objetivo de resguardar o poder existente nas palavras e a própria rezadeira que, em muitas vezes, temia perseguições decorrentes da intolerância de grupos dominantes para com o seu credo. Quanto à estrutura da linguagem oral, o citado autor (2018) aponta a uma maior recorrência a repetições de palavras; à utilização de períodos inconclusos e de um vocabulário informal. Considerando as tradições orais, observa-se que a repetição também se faz presente como estratégia favorável à memorização das orações.

Além disso, a tradição oral das rezadeiras também privilegia a utilização de elementos simbólicos e da medicina popular, nos quais objetos, vegetais e palavras ilocucionárias compõem não apenas o rito, mas também se conectam à memória dos antepassados. Apesar desse caráter memorialístico na afirmação da ancestralidade das benzedoras, não se pode negar que, nos símbolos empregados, há aqueles que são oriundos do cristianismo, conforme descrição de Nascimento (2010, p. 79-80), sintetizada na sequência.

- Sinal da Cruz: Realizado no início e no fim do ritual, na parte do corpo que está acometida por enfermidade; sendo repetido várias vezes, ao mesmo tempo em que se proferem as palavras de cura, representa a Santíssima Trindade.

- Ramo: Símbolo da Oliveira, árvore sagrada presente no monte onde Cristo orava, também representa a sabedoria do homem do campo e é usado como um instrumento importante na cura de doenças como o olhado. Constituem-se outras ervas utilizadas por rezadeiras na cura de diversas enfermidades: mastruz (problemas respiratórios); romã (inflamações na garganta); sabugueiro (febre); capim-santo, erva-doce e erva-cidreira (agitação nervosa).

- Santos e Nossa Senhora: Os santos e Nossa Senhora assumem a função de intercessores de Cristo. Além disso, invocam-se os santos de acordo com as suas especificidades: São Bento, o santo dos ofídios; São Brás, o santo da garganta; Santa Apolônia, para dor de dente.

- Água: Nas rezas, a água é considerada como medicamento para curar as dores. Sendo, geralmente, representada pelo mar, lugar sugerido para depósito do mal, corresponde, no Cristianismo, ao Batismo e ao primeiro milagre de Jesus.

- Óleo: As rezadeiras passam o óleo sobre a enfermidade do cobreiro, realizando uma ação, ao mesmo tempo, curativa e simbólica, na significação de Deus

curando da doença. No Catolicismo, o óleo se constitui símbolo da presença de Deus, sendo utilizado no Batismo, na Crisma, no Sacerdócio, na enfermidade.

- Tecido (pano) e agulha: Enquanto o tecido simboliza a pele com ferimento ou alguma luxação, a agulha representa Jesus Cristo realizando o milagre da cura.

Até mesmo a quantidade de repetições de alguns gestos é determinada pelo dogma católico, pois geralmente os movimentos são repetidos entre três e cinco vezes. Sendo a tríade associada à Santíssima Trindade; às formas elementares do ser – corpo, alma, espírito, à conclusão dos ciclos – início, meio, fim, Nascimento (2010, p. 82) relaciona a simbologia do numeral três ao conjunto de repetições de gesticulação executadas pelas rezadeiras: três ramos nos rituais contra mau olhado; na cura de ferimentos, a benzedura é feita por três dias e, a cada dia, reza-se três vezes e, a cada vez, fazem-se três pontos com agulha no tecido. Ainda que prevaleçam nas rezas elementos inerentes à liturgia católica, também não se pode subestimar a interferência das experiências particulares das benzedadeiras que ainda utilizarão recursos e/ou entidades oriundos de sua própria fé, por meio da invocação a “entidades de outros panteões sagrados como orixás, caboclos ou índios – ou todos juntos”, segundo propõe Câmara (2020, p. 505).

Nesse contexto, ainda se faz oportuno considerar as proposições de Calvet (2011), no sentido de que a tradição oral não se manifesta de forma isolada da história e das ideologias próprias dos grupos sociais que a preservam e difundem. Sendo assim, a imposição da modalidade escrita, para povos de tradição oral, revela-se como estratégia de assimilação compulsória da linguagem do dominador por intermédio de processos de alfabetização. Em contrapartida, a preservação de costumes por comunidades tradicionais, como a exploração da fé para cura de enfermidades, configura-se como ato de resistência às ideologias dominantes, quer expressas pelos defensores do saber científico, principalmente entre o final do século XIX e o início do século XX, quer manifestadas por religiosos que se opunham a crenças não reconhecidas pela elite cultural e pelo Estado.

Difundidas pela oralidade de forma prevalente, as rezas resgatam, preservam e constroem memórias, nas quais atuam a interculturalidade de povos ancestrais e os saberes, vivências e crenças de sujeitos históricos, que se posicionam em atitudes de resposta a outros indivíduos, inseridos ou não nos mesmos territórios, espaços sociais e tempo. Nesse entendimento, Câmara e Fialho (2021) enfatizam outra função social

das rezas, concernente ao seu potencial para consolidar a identidade do grupo a que as benzedeadas pertencem, por meio da preservação da tradição e da oralidade. Tal perspectiva se coaduna com o que constata Gomes (2017), no tocante a estratégias de resistência da população negra, após batismos compulsórios na religião do escravizador, por intermédio da transmutação de entidades de suas crenças em elementos identificados com o catolicismo.

Diante do exposto, percebe-se que a tradição oral das rezas populares compreende não somente a emissão das preces, mas também abrange a atuação de valores e posicionamentos oriundos dos distintos estratos sociais. Isso equivale a dizer que instrumentos, técnicas e linguagem empregados pelas benzedeadas são oriundos dos embates entre distintos grupos da sociedade, nos quais prevaleceram as referências da liturgia católica, em decorrência da vinculação de tal religião com o grupo dominante social, econômica e politicamente.

Na sequência, expõem-se método e procedimentos eleitos para o alcance dos objetivos norteadores do presente trabalho.

METODOLOGIA

Por contemplar aspectos não mensuráveis, e sim inerentes aos valores e significados, às crenças e atitudes observados na prática cultural desenvolvida por benzedeadas, o presente estudo se enquadra como uma pesquisa de enfoque qualitativo. Após serem eleitas como procedimentos para coleta de dados, deu-se a realização da pesquisa bibliográfica, essencial à composição de aporte teórico necessário ao estudo de tal tradição oral, e da pesquisa documental, com a escolha e apreciação do documentário “Benzedeadas”, de Sílvia Batista Godinho, exibido no programa Sala de Notícias do Canal Futura, como *corpus* da pesquisa.

Definiram-se como objeto de investigação as práticas culturais de grupos invisibilizados, particularmente as produzidas e difundidas pelas rezadeiras. Após o estudo de tradições orais, por meio da revisão bibliográfica acerca de tal tema e da oralidade, selecionou-se o mencionado trabalho como universo da investigação, dada a sua potencialidade de resposta às questões e objetivos desta análise. Em seguida, o documentário foi examinado, observando a relação entre a modalidade oral e os rituais

de cura das benzedeadas. Os discursos nele expressos foram analisados a partir dos estudos de Calvet (2011); Câmara (2020); Câmara e Fialho (2021); Câmara *et al* (2016); Gomes (2017); Cunha (2018); Nascimento (2002); Nascimento (2010); Vanoye (2018); Vasconcelos (1975).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como objeto de análise dos mecanismos de oralidade nas práticas das rezadeiras, foi explorado o documentário “Benzedeiras”, de Sílvia Batista Godinho, exibido no programa Sala de Notícias do Canal Futura. Em seus 13 minutos de duração, o curta-documentário investiga um ofício secular de cuidado à saúde que ainda é referência de cura na pequena vila denominada Macacos, a 20 quilômetros de Belo Horizonte. As Benzedeiras e Erveiras resistem à evolução técnico-científica e, estando à margem dos grandes centros urbanos, desafiam os conceitos da ciência moderna.

No que diz respeito aos mecanismos de oralidade presentes no vídeo, o primeiro aspecto que se destaca é a vinculação com elementos da tradição cristã católica, como a oração do Pai-Nosso, Ave Maria, Santa Maria e o Credo Apostólico. Todos pertencem à liturgia católica romana e foram incorporadas nas rezas populares. Tal recorrência a orações da liturgia católica indica a atuação da oralidade secundária, uma vez que as preces citadas se encontram registradas por escrito, sendo difundidas tanto por meio da impressão de exemplares do catecismo católico, quanto por meio de práticas orais.

Conforme já foi discutido no tópico da fundamentação teórica deste artigo, a presença das orações do catolicismo se configura também como marca das experiências históricas e políticas vivenciadas pelos povos de tradições orais; de um modo específico, pelas benzedeadas que assimilavam tais preces e as mesclavam aos rituais dos ancestrais, como estratégia de resistência à tentativa de silenciamento das crenças dos antepassados. No vídeo mencionado, evoca-se a Santíssima Trindade ao tempo em que se qualifica o mar como “sagrado”, sendo difundida a crença no poder de cura das águas marítimas, o que evidencia a existência do sincretismo religioso como forma de proteção ao credo discriminado e perseguido.

Além das expressões religiosas, as formas imperativas, em verbos que denotam uma ordem ou desejo de que o pedido seja atendido, conferem às Benzedeiras uma

autoridade que é própria do seu ofício. No exercício desse poder, são também utilizadas expressões ilocucionárias – recorrência de algumas palavras ou frases que evocam algum poder. As expressões imperativas e ilocucionária são evidenciadas em uma das últimas cenas do documentário, quando uma benzedeira diz: “Seja o mal que for, que saia do corpo da Renilda e vá para a zona do mar sagrado que não faça mal a ninguém com o poder das três pessoas da Santíssima Trindade: Pai, Filho, Espírito Santo, Amém. Deus ponha virtude”. Como marca da oralidade, tem-se a especificação do interlocutor, a qual também revela que a produção das rezas resulta do objetivo de agir sobre outrem. Aqui ainda se mostra como característica da modalidade oral a formulação de enunciados curtos, que, além de favorecerem a memorização, viabilizam o caráter ilocucionário de tais construções, ou seja, executa-se o ato que se objetivava realizar por meio da linguagem, geralmente, atinente à cura física ou espiritual de alguém tomado como enfermo.

A força simbólica das benzedeiros diante da comunidade também se apresenta como elemento revestido de marcas da oralidade. Sendo reconhecidas pelo dom de curar as pessoas, as rezadeiras exercem um ofício dotado de vestígios da tradição oral, como a utilização de meios mágicos, objetos, instrumentos, ramos, que, ritualizados, trazem à tona a recordação de Cristo. Nesse cenário, percebe-se que o processo de significação das rezas se completa mediante a presença do sujeito enfermo, que leva à definição dos recursos curativos, a partir de suas demandas. Em outras palavras, a presença do interlocutor se constitui elemento distintivo da modalidade oral da língua usada em tais rituais, haja vista que é a patologia do consulente da rezadeira que determina a seleção das rezas a serem proferidas. Os recursos paralinguísticos também evidenciam a interação da oralidade com o seu contexto de produção, ou seja, as singularidades de cada caso, determinadas pelo paciente e suas queixas, resultam na opção por um instrumento e rejeição por outro.

Outro aspecto que reflete um contexto bem demarcado de produção dos enunciados, aspecto próprio da oralidade, compreende a utilização de meios oriundos do espaço ocupado pelas benzedeiros. Nesse entendimento, verifica-se que a utilização de ramos pela rezadeira Elza decorre de sua condição de integrante do gênero feminino, o qual é excluído do mercado de trabalho e está em atuação no seu ambiente doméstico, do qual extrai ervas ali mesmo cultivadas. Além disso, também lhe é pressuposta a

condição social, já que o emprego desse meio curativo é ocasionado por sua restrição de acesso aos bens e conhecimentos cientificamente produzidos.

No documentário, os repetidos sinais da cruz feitos pela benzedeira Elza, com um ramo em cada mão, são exemplos do simbolismo da tradição oral. Além disso, na prática cristã, o sinal da cruz representa a Santíssima Trindade (o Pai, o Filho e o Espírito Santo), a forma mais concreta de manifestação da fé, o ápice do sacrifício humano e uma maneira simples de invocar e pedir proteção a Deus. Sendo assim, o recurso reiterado ao repertório gestual revela uma condição imanente da oralidade, condizente com a atitude de se apoiar em mecanismos subsidiários de expressão, como meio potencializador da significação e favorecedor de sua replicação por intermédio da memória.

As referências aos Santos e às Nossas Senhoras são sempre utilizadas por serem intercessores de Cristo, seres que pedem ao Pai solução para as enfermidades. Essas alusões ainda se configuram como parte da influência católica nas rezas populares. Os símbolos são sincronizados e repetidos várias vezes nos rituais de cura. De acordo com Nascimento (2010), a maioria das rezadeiras repete as fórmulas por três ou cinco vezes. É o que se pode verificar quando dona Elza está benzendo uma das pessoas da comunidade: por cinco vezes, ela repete o sinal da cruz. Logo depois, dona Elza explica que, ao benzer um menino de Vento Virado, que é quando o pé das crianças está fora de lugar, em três dias ele já sai pulando.

O número três tanto pode representar a Santíssima Trindade quanto as formas elementares do ser (corpo, alma e espírito), além da completude dos ciclos (início, meio e fim). No caso das rezas, ao ser oferecida por três dias, a prática de cura se apresenta no seu ciclo completo. Se a pessoa não for rezada nos três dias, a reza perde a força. Dona Elza explica: “Três dias pra poder oferecer a reza”. As repetições também são um recurso estilístico típico da oralidade, que está expressa tanto nas reiterações dos sinais, ramos e orações, quanto nos momentos em que as pessoas devem repetir palavras ditas pelas benzedadeiras. Estas, por sinal, precisam compartilhar da mesma fé na reza para que a cura aconteça.

Dessa forma, aponta-se que, ainda que se reconheça a atuação de uma oralidade secundária, em decorrência da citação de preces e de elementos integrantes do catecismo católico, preservado e difundido por meio da linguagem escrita, as rezas analisadas no documentário “Benzedeiras”, de Sílvia Batista Godinho, expõem a

prevalência de recursos próprios da oralidade, os quais são potencialmente explorados para preservação da memória e das identidades das classes populares.

CONCLUSÃO

A construção desse trabalho permitiu identificar mecanismos de oralidade presentes no ofício das rezadeiras, também conhecidas como benzedeiros, o qual se materializa por meios das rezas, dos rituais e dos conhecimentos sobre ervas com funções medicinais. Foi possível observar que a tradição das rezas, a que é atribuído o poder da cura de enfermidades do corpo e da alma, é repleta de símbolos demonstrados na oralidade e na gestualidade, como descreve Calvet (2011, p. 57).

A história e os personagens escolhidos para análise são do videodocumentário produzido pelo Canal Futura e que demonstram semelhanças com os rituais praticados em todo o Brasil. E essas semelhanças, de acordo com Nascimento (2010), deram-se ao fato de que o ofício obedece a uma tradição de origem portuguesa, a que se atribuem, também, os conhecimentos adquiridos pelas tradições oriundas de relações culturais híbridas, na miscigenação de índios, brancos e negros.

Em resposta à questão norteadora e ao objetivo específico, ambos referentes à identificação de mecanismos da oralidade constitutivos das rezas proferidas por curandeiras, observa-se a interferência de elementos integrantes da situação discursiva, a exemplo do interlocutor presente e do contexto de produção definido, como fatores determinantes do gênero do discurso utilizado e dos meios subsidiários de expressão empregados. Também se constatou o uso reiterado de palavras e de gestos, como mecanismo da oralidade favorável à memorização e propagação dos rituais de cura. Verificou-se a recorrência a verbos no imperativo e a expressões ilocucionárias como recurso da linguagem destinado a demarcar a função de autoridade da rezadeira e o caráter pragmático do gênero discursivo por ela empregado, concernente à realização da ação de expelir enfermidades do sujeito enfermo. Outro mecanismo da oralidade observado foi o uso de enunciados curtos, compatíveis não só com o propósito de facilitar a memorização, mas ainda com a funcionalidade das rezas, voltada para a ação de curar, que deve se caracterizar pela precisão e eficácia.

Em resposta ao objetivo de analisar a função de mecanismos da oralidade nas práticas socioculturais de rezadeiras e em relação à indagação sobre como se explica o fato de a modalidade de linguagem utilizada pelas benzedeadas manter-se estabilizada, a despeito das mudanças observadas ao longo do tempo e no espaço, as quais alteraram ou extinguiram muitos gêneros textuais, conclui-se que, historicamente, é à palavra falada que se atribui um poder místico. Ainda que a sociedade contemporânea se reconheça como grafocêntrica, a oralidade precede a escrita, não só historicamente, mas também no âmbito religioso e literário, no que diz respeito à criação ou à transformação de realidades, por meio de palavras tidas como mágicas, miraculosas.

Além disso, sendo comumente utilizadas por grupos que passaram por processos de silenciamentos, a exemplo dos povos indígenas e africanos, a manifestação de rezas pela oralidade, caracterizada pela ampla variação linguística, possibilitava a fusão de credos pertencentes a distintas etnias, evitando a intolerância de grupos majoritários para com manifestações religiosas distintas da sua fé. Acrescente-se a isso o fato de que, não possuindo reconhecimento científico e não favorecendo o lucro, por pertencerem a grupos que não só eram desprovidos do acesso à escrita, mas ainda aos bens de consumo, os rituais de cura não obtiveram registros, nem foram impressos para divulgação.

Enfim, a observação e análise do ritual das rezadeiras demonstram, de acordo com Calvet (2011, p. 11), que a ausência da tradição escrita, não significa, de maneira alguma, ausência de tradição gráfica. E mesmo que a sua função não seja, como no caso do alfabeto, registrar a fala, a tradição escrita participa da memória social, por intermédio da fusão de componentes da liturgia católica, reunidos em registros escritos, com princípios integrantes de crenças de distintos grupos étnicos, disseminados pela oralidade. Dispondo de ervas medicinais e recorrendo a um repertório gestual, as rezadeiras encontram, na oralidade, a flexibilidade e dinamismo necessários para compor significados com os instrumentos integrantes de seus rituais; de modo a resguardar a memória e as identidades de grupos invisibilizados. Portanto, as rezas e orações, as imagens, as ervas e os objetos utilizados nos rituais de cura, ou seja, elementos linguísticos e performáticos, materializam a força resistente da tradição oral, que ultrapassa culturas e gerações.

Referências

- Canal Futura. Benzedeadas. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=7fSJ6yp8bHU>. Acesso em: 08 out. 2015.
- Calvet, L. J. Tradição oral e tradição escrita. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- Gomes, R. de F. M. Vozes no silêncio: um estudo sobre identidade e memória de Quilombo na perspectiva do letramento (Sítio Boa Vista – Afrânio/PE), Bahia, Brasil. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos) – Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro. 2017.
- Câmara, Y. R. Das bruxas, saludadoras, santeiras, cuspideiras e meigas europeias às atuais rezadeiras tradicionais brasileiras. Caminhos, Goiânia, v. 18, n. 2, 502-514, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.18224/cam.v18i2.8074>. Acesso em: 20 jul.2023.
- Câmara, Y. R.; Sanz-Mingo, C.; Câmara, Y. M. R. Das bruxas medievais às benzedeadas atuais: a oralidade como manutenção da memória na arte de curar – uma pesquisa exploratória. Boitatá, Londrina, v. 11, n. 22, p. 221-236, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/boitata.2016v11.e31288>. Acesso em: 20 jul.2023.
- Câmara, Y. R.; Fialho, L. M. O papel sanitário das rezadeiras brasileiras outrora e agora: ressignificações e continuidades. ECCOS Revista Científica, São Paulo, n. 59, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/eccos.n59.14185>. Acesso em: 20 jul.2023.
- Cunha, C. G. A prática da benzedeadas: memória e tradição oral em terras mineiras. 169 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana. 2018.
- Nascimento, A. do. O Quilombismo. 2. Ed. Brasília/Rio de Janeiro: Fundação Palmares/OR Editor Produtor, 2002.
- Nascimento, D. G. Tradições discursivas orais: mudanças e permanências nas rezas de cura e benzeduras populares da região de Itabaiana. 157 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Ensino) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2010.
- Vanoye, F. Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita. 14. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.
- Vasconcelos, J. L. de. Cancioneiro popular português, 1975.